

Contação de Histórias em Hospitais

Denise Dias de Carvalho Sousa
(Doutoranda em Letras – PUC/RS-UNEB)

Resumo: Este trabalho versa sobre o projeto de extensão **Contação de Histórias em Hospitais**, aplicado na cidade de Jacobina - Ba, pelos discentes do Curso de Letras Vernáculas, Letras com Inglês e Educação Física, do Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sob a coordenação da Profª. Denise Dias de Carvalho Sousa. Além de propiciar o desenvolvimento de atividades literárias e cênicas, em especial conhecimento e/ou aprimoramento das técnicas de contar histórias, formando um grupo de contadores, o supracitado projeto surge como alternativa ao triste ambiente hospitalar em que se encontram os pacientes - sofrimento, solidão e impossibilidade de frequentar lugares de acesso à cultura e à leitura -, fazendo jus à crença de que a universidade deve atuar com fins sociais, em espaços não formais. As abordagens metodológicas privilegiaram a articulação teoria e prática, através de procedimentos interativos que possibilitaram (re) construções pelos participantes durante a aplicação da proposta. O aporte teórico pautou-se nos estudos de Gregório Filho (2002), Sisto (2005), Coelho (2006) e Bakthin (1999). Uma história bem contada deixa marcas profundas em quem a conta e a escuta, mudando seu estado de espírito e vida.

Palavras-chave: leitura; história; contação de histórias; hospitais.

INTRODUÇÃO

As histórias fazem parte da vida do ser humano desde que homens e mulheres começaram a se comunicar e interagir. Essas histórias, por sua vez, transformam-se em pequenos repertórios de leitura, os quais possibilitam o exercício crítico do sujeito sobre o mundo. Sendo assim, as histórias ouvidas e/ou lidas não devem ser silenciadas, mas sim contadas para que se possa compreender de que maneira está construindo sentidos para o que se ouve ou lê. Segundo Gregório Filho (2002, p. 136), “a leitura e o ouvir histórias podem ser fortes componentes para formar o sentido da responsabilidade social de cada um de nós”.

Levando em consideração essa perspectiva e acreditando que uma história bem contada deixa marcas profundas em quem a ouve, mudando seu estado de espírito, elaborou-se o projeto de extensão **Contação de Histórias em Hospitais**, o qual foi aplicado no Hospital Antônio Teixeira Sobrinho, em Jacobina – Ba, pelos discentes dos cursos de Licenciatura em Letras Vernáculas, Letras com Inglês e Educação Física, do Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

O supracitado projeto foi executado durante o período de outubro de 2010 a março de 2011, perfazendo um total de 60 (sessenta) horas, sendo estas distribuídas em 04 (quatro) horas semanais: 02 (duas) horas para exposições teóricas e 02 (duas) horas para contação de histórias em hospitais.

Na abordagem metodológica, privilegiou-se a articulação teoria e prática, através de procedimentos interativos que propiciaram (re) construções pelos participantes, quando estes

analisaram conceitos básicos sobre leitura, literatura, leitor, texto, gênero e tipologia textual, principalmente a narrativa, com vistas à sua utilização prática; rememoraram suas histórias de leitura, a fim de compreender a relação da contação de histórias com a história de vida e de leitura de cada um; estudaram elementos (métodos e técnicas) para uma melhor abordagem de textos orais, e produziram um memorial, como resultado reflexivo das atividades de estudo e pesquisa.

Além de tornar possível o desenvolvimento de atividades literárias e cênicas, em especial conhecimento e/ou aprimoramento das técnicas de contar histórias, o projeto **Contação de Histórias em Hospitais** fez-se necessário como alternativa ao triste ambiente hospitalar em que se encontram os pacientes, fazendo jus à crença de que a universidade deve atuar com fins sociais, em espaços não formais. Estar internado em um ambiente hospitalar é difícil para qualquer paciente: dor, sentimento de baixa autoestima, impossibilidade de ver constantemente os familiares e de frequentar lugares de acesso à cultura e à leitura, um direito fundamental do cidadão.

1 UM POUCO MAIS DA PROPOSTA: REPENSANDO OS CAMINHOS¹

O grupo foi composto por 30 (trinta) alunos², os quais apresentaram várias justificativas para participação no projeto, entre elas o fato de se identificar com a contação de histórias e puder realizá-la num ambiente diferente do âmbito escolar, ou seja, num lugar onde as pessoas se sentem tristes e debilitadas e não estão esperando ouvir histórias:

Eu me inscrevi no projeto por gostar de contar histórias e ter a oportunidade de poder levar um sorriso para pessoas que estão passando por momentos difíceis (Ticiania).

[...] além de gostar de histórias, eu poderia participar de uma oficina de contação e teria o prazer de contar histórias em hospitais, o que, em Jacobina, é uma realidade distante: 'isso é coisa de se ver apenas pela televisão' (Isaura).

Por se tratar de um trabalho cujo um dos objetivos está direcionado para o social, fiquei bem curioso. Chamou-me bastante atenção o local em que o projeto seria desenvolvido, pois convenhamos, o hospital era naquele momento para mim um ambiente nada convencional para a prática de contação de histórias e por isso mesmo um desafio (Júlio).

Mais do que um ato educativo, contar histórias representava para os alunos o exercício da prática social e um profundo sentimento de emoção e de pertencimento a uma coletividade. Contudo, faltava-lhes a técnica e a experiência, principalmente em ambientes não escolares:

¹ As análises descritivas/analíticas foram ilustradas com os depoimentos dos alunos. O corpus foi colhido do memorial de cada participante, dos relatos socializados a cada encontro e das correspondências enviadas para o e-mail do grupo. A fim de preservar a identidade dos envolvidos, foram criados nomes fictícios para os discentes e apenas as iniciais dos pacientes foram reveladas.

² Dos 30 (trinta) alunos inscritos, 16 (dezesesseis) tornaram-se permanentes.

Apesar de possuir um repertório amplo de textos literários, após os primeiros contatos com os pacientes, eu ainda temia as emoções, uma vez que o ambiente hospitalar é muito carregado de tristezas e lamentos devido o estado de saúde dos que ali estavam (Marta).

Confesso [...] que quando cheguei pela primeira vez no hospital, fiquei muito preocupada com o que os pacientes iriam achar, se eu os agradaria, coisas do tipo. [...] Conteí muitas fábulas, mas o meu desejo mesmo era ver o riso no rosto das pessoas [...] (Natália).

Nosso encontro [Clara, Ticiania e Flávia] com as crianças foi um tanto decepcionante. Quando chegamos, o garotinho I... estava em procedimento clínico e vi que ele estava com medo da agulha. Para tentar distraí-lo, resolvi contar a história dos sapos que caíram no balde de leite. Ele detestou, disse que não era criança. Acho que exagerei na performance (Clara).

O repertório de contos vivenciados nas aulas de literatura e a habilidade de contar histórias para crianças nas escolas não eram suficientes para atuar nos hospitais. Destarte, a fim de os alunos lidarem da melhor forma possível com as situações específicas do contexto hospitalar, exercendo sua função de contadores de maneira mais autônoma, propôs-se o acréscimo de discussões temáticas que exigiram um diálogo entre a literatura e a psicologia, como “a contação de histórias além da diversão”, “a mediação do imaginário numa situação de internamento”, “o contador de histórias diante da dor e da morte”. Para tanto, a participação de uma psicóloga no projeto tornou-se vital:

Contar histórias em ambiente hospitalar é muito mais que entretenimento. É a possibilidade de criação/vivência de um espaço subjetivo que, através de atividades literárias, plásticas, cênicas e lúdicas, possibilita: diminuição do sofrimento da internação e alívio da privação do brincar, do ir à escola, da ausência do convívio familiar e da participação em atividades de lazer e culturais³.

O entendimento da contação de histórias como algo além do prazer e da alegria, bem como não restrita apenas a pessoas sadias e com vontade de ouvir histórias, fortaleceu nos alunos a crença das possibilidades e das variáveis de mudanças num ambiente hospitalar:

Conversamos [Clara, Flávia e Ticiania] com uma garotinha, mas ela permaneceu calada o tempo todo. Foi uma experiência um tanto decepcionante, já que tínhamos a ideia de que na pediatria iríamos nos realizar enquanto contadoras. Voltamos outros dias e contamos outras histórias, o menino I..., muito calado, ouviu assistindo televisão: um olho no desenho e outro em nós. No final, disse que tinha gostado, mas não demonstrou muito entusiasmo [...]. Dias depois, fomos surpreendidas pela mãe, avisando que I... queria falar conosco. Retornamos, mas ele não disse nada. Notamos seus olhos cheios de lágrimas, então a mãe nos contou que ele disse: “Mãe, corre e diz pra elas virem aqui de novo amanhã, se não elas podem esquecer”. Quase choro! (Clara).

³ Palestra ministrada pela psicóloga Shiniata Alvaia de Menezes, no auditório da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, no dia 14 de dezembro de 2010, às 20h30.

A falta de prática associada à rotina de um hospital instaurava medos e ansiedades nos participantes. Dessa forma, a representação de momentos de sofrimento físico e psíquico no ato de contar (dores, angústias, perdas, reorganização pessoal) fez-se necessário para a compreensão do contexto de atuação da contação (estou contando para quem? o que contar? em qual gênero textual? como agir, caso o paciente não queira ouvir a história ou se mostre indiferente a esta? e se ele (o paciente) chorar, como proceder?).

[...] antes eu só pensava em contar histórias infantis e fábulas, mas depois, com o decorrer das orientações, eu já pensava em inserir e pesquisar outros gêneros. Até porque os gêneros textuais devem ser amplamente abordados pelo seu caráter múltiplo, principalmente em termos de oralidade, leitura e escrita para uso além da escola, ou seja, uso em sociedade [Isaura].

Ainda no primeiro quarto, fiz um comentário com uma paciente que estava meio relutante em dar atenção à Raissa [outra contadora de história]. Eu perguntei a ela o motivo da mesma estar internada. Ela me respondeu que estava com muitas dores, inclusive em seu estômago. Então eu falei que ela tinha cara de quem gostava de um feijãozinho com farinha, uma gordurinha e pimenta por cima do prato de feijão. Para a minha surpresa, ela abriu aquele sorriso [...] e foi naquele momento que descobri que levava jeito para fazer os outros rirem, nem que fosse por um momento... (Natália).

A ideia inicial do projeto era apenas o uso da voz durante a contação – proposta baseada nas orientações do escritor e contador de histórias Celso Sisto (2005). Porém, durante a atuação nos hospitais, alguns contadores foram sentindo a necessidade de usar outros recursos, tais como: máscaras, fantoches, instrumentos musicais e acessórios lúdicos, a fim de dinamizar a história e sentir-se mais à vontade e desinibidos perante os pacientes - o que, de fato, funcionou de maneira eficaz e eficiente:

Quando estava me preparando, colocando os adereços, me transformando, ou melhor, me descobrindo como “palhaça”, fui surpreendida com a alegria de uma paciente muito sapeca de sete aninhos, de nome G..., que, ao sair do seu quarto, percebeu a presença de duas figuras diferentes [Tarcila e Isaura]. Então, ela arregalou os olhos com um ar de felicidade, e logo foi gritando para as outras crianças: “Obaaaa, hoje tem história! A mulher tá colocando o nariz que acende!”. Confesso que depois dessa recepção, fiquei mais relaxada (Tarcila).

No quarto dia, [...] havia crianças tristonhas na enfermaria, mas quando chegamos com nossos cata-ventos ambulantes, fizemos filhos e pais rirem. Foi a tarde dos contos de fadas (Raissa).

Os adereços usados por nós, com certeza, chamaram atenção e deram uma pitada de humor à nossa aparência, mesmo a história sendo reflexiva, existia descontração visual (Clara).

Apesar de saber que a essência da contação está na alma e na memória de quem conta histórias e não nos recursos auxiliares, a tarefa de transformar o ambiente hospitalar num

espaço de riso e felicidade tornou-se menos árdua com a ajuda dos acessórios. Contando histórias com óculos, maquiagem, nariz de palhaço, fantoches e objetos ilustrativos, os contadores despertaram seu lado lúdico e deixaram de lado a inibição e o receio de não serem bem recepcionados pelos pacientes.

2 QUERO SER UM BOM CONTADOR DE HISTÓRIAS

Existem vários fatores que levam um contador de histórias ao sucesso. Num ambiente hospitalar, faz a diferença o gostar da história e do contar histórias com segurança, susceptibilidade e leveza:

Sei que contar histórias no hospital para alguns pode ser motivo de chacota ou mesmo falta do que fazer, mas minha resposta para estes estava na ponta da língua: é pura satisfação, eu gosto! (Marta).

No terceiro dia, contamos [Raissa e Natália] histórias e piadas para dona M... e dona T.... Como elas deram risada! Primeiro porque pintamos o rosto e levamos narizes de palhaço, e também porque contávamos as histórias com graça e suavidade. Adorávamos aquelas histórias! Como acreditávamos nelas! (Raissa).

Além disso, estar aberto para aprender e partilhar a experiência da contação com seus pares viabiliza o conhecimento de si e a possibilidade de repensar a história (relação afetiva com a narrativa, a arte cênica na devida medida, o espaço de improvisação, a interação com a plateia, a colocação da voz e do corpo):

Depois de ter percorrido uns três leitos sozinha, chegaram as colegas Jilma e Tarcila. Nesse momento, viramos realmente um “grupo de contação”. Após a primeira história contada, as próximas já ficaram mais fáceis. Minha estratégia era: chegar num leito novo, ouvir alguma colega contar, adequar minha história aos ouvintes e em seguida contar [...] (Isaura).

As experiências partilhadas fazem com que as pessoas revisitem suas histórias de vida e encontrem forças para vencer os obstáculos. Pensar a si e o outro garante o exercício dos vários “res”: repensar, reorganizar, reprogramar, reestruturar. Daí, uma nova forma de compreender as ações e de como tratá-las.

Além disso, um aspecto fundamental para se alcançar uma boa narrativa é considerar o lugar da contação. Quanto menor o espaço, mais próximo o contador estará do ouvinte. Este é um detalhe que muda totalmente a postura do contador de histórias, podendo este privar seu corpo dos movimentos, caso não se atente à dimensão para a locomoção. Segundo Sisto (2005), o contador de histórias possui uma poderosa arma de contorno: sua própria voz. Porém, há de se ter cautela, observando a extensão da voz num ambiente hospitalar, visto que

se trata de um contexto que exige sensibilidade e acuidade do contador por conta do estado de afecção dos pacientes e do nível de tensão dos acontecimentos.

Para uma boa narração com o uso apenas da voz, há de se observar ainda o seguinte:

- a) Ficar atento ao ritmo da fala, visto que o nervosismo possibilita o falar apressado;
- b) Investir na projeção da voz, já que a ansiedade e a inexperiência propiciam a má respiração;
- c) Pronunciar as palavras com clareza, contribuindo para a compreensão rápida do público;
- d) Contar a história com o máximo de expressividade, posto que as palavras são diferentes e possuem “pesos” e “alturas” distintas;
- e) Vivenciar a musicalidade das frases, pois a variabilidade dos sons é que propicia o prazer de ouvir;
- f) Cuidar da postura do corpo para não alterar a qualidade do som;
- g) Procurar fazer contato visual com a plateia, fazendo ajustes vocais de acordo com o *feedback*;
- h) Apresentar-se de maneira confiante, mantendo a calma, caso algo saia diferente do elaborado (Adaptado de SISTO, 2005, p. 108-109).

Para Betty Coelho (2006), o sucesso de uma narrativa está no planejar, no sentido de garantir ao contador confiança e bom desempenho. O plano transformará a improvisação em técnica, unindo teoria à prática. Assim, há de se indagar qual história contar, levando em conta a faixa etária e o interesse do público-alvo. Entretanto, anterior à sensibilização do ouvinte deve se considerar o gosto pessoal do contador. “Se a história não nos desperta a sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso” (COELHO, 2006, p. 14).

Entendendo dessa forma, os contadores eram encorajados a escolher as histórias partindo de suas preferências temáticas e textuais, tentando contemplá-las com o prazer e as necessidades momentâneas dos ouvintes:

Procurei trabalhar muito a questão da autoestima a partir de histórias de superação, pois além de serem as que eu mais conhecia e gostava, percebia que alguns pacientes precisavam ouvi-las. Muitos nem visita recebiam ou se encontravam num estágio de falta de esperança para viver. Foi muito bom perceber que aquelas pessoas, apesar das suas limitações (algumas instantâneas, outras permanentes), estavam conseguindo visualizar o mundo e suas vidas de uma forma bem mais positiva e alegre (Tarcila).

Um bom contador de histórias precisa compreender também que os textos representam um conjunto de vozes e se transformam a cada leitor (BAKHTIN, 1999). Ainda contando a mesma história, cada contador possui uma maneira peculiar de apresentá-la. O manejo com a

linguagem verbal e não verbal e as crenças e os valores culturais advindos das histórias de vida e de leitura interferem na maneira como cada um se apropria da narrativa e a expressa (interpretação de ideias, seleção de vocábulos, expressões fisionômicas, movimentos corporais):

Ouvi muitas outras histórias na infância. Lembro-me das noites ao pé do fogão a lenha ou das esteiras jogadas ao chão da casa da minha saudosa vó, cheia de senhores, senhoras e da meninada, todos atentos para escutá-la contar aqueles chamados “causos”. Acredito que nasceu daí o meu gosto por leituras e para contar histórias (Júlio).

Na infância, minha mãe contava muitas histórias, principalmente à noite, quando íamos dormir. Acredito que vem daí a influência da seleção das histórias que conto aos pacientes, pois percebo que essas histórias fazem parte do repertório que minha mãe contava. Também sinto que as interpreto melhor por conhecê-las bem (Ticiania).

A relação do contador de histórias com a contação começa muito antes de sua vontade ou necessidade de ser um contador. Embora o ato de contar histórias resulte de um procedimento individual, este está condicionado aos processos sociais. Ou seja, contar histórias é mais do que um ato individualizado; é uma prática social, já que se estabelece através das interações e das trocas sociais. É na constituição da história de vida de cada contador e de sua relação com a leitura que surgem os primeiros passos para o sucesso de uma boa contação.

3 CONTAR HISTÓRIAS: UM APRENDIZADO MÚTUO

Contar histórias, além de oferecer ensejos de descontração e divertimento, possibilita o crescimento mútuo através da troca, da interação e da reflexão. Muitos foram os depoimentos que revelaram o ato de contar como um momento de aprender com o outro:

Não poderia deixar de citar a satisfação do senhor V... em ouvir o poema de José Lourenço, *Esmola pra São José*, nem a minha em ouvi-lo declamar, entre outros, os *Versos Íntimos*, de Augusto dos Anjos. Ouvir um paciente declamar esse poema me arrepiou. Que memória em seu V...! Ainda diz que a minha é que é boa!(Marta).

A compreensão de que um bom contador de histórias não nasce necessariamente dos bancos acadêmicos e sim do seu envolvimento com a arte de contar (ler, gostar, vivenciar, compartilhar, ouvir, dialogar) firmou-se a partir do instante em que os alunos se depararam com pacientes que demonstravam através da experiência e da espontaneidade o dom de contar histórias, como o Sr. V..., o qual foi intitulado pelos alunos como “o grande contador de histórias”:

[...] sinceramente, eu não esperava seu V... lá, quando o vi pensei cá com “o nariz” da minha camisa⁴: ‘que é que a gente vai mandar pra seu V...? Tudo que eu sabia, ele também já sabia... gente experiente é um caso sério!!’ Natália [outra contadora] me pediu para começar, e eu, toda sem jeito, respondi: ‘não sei não...’. Ele, prontamente, me falou (meio “grogue” da anestesia): ‘é... precisa atualizar...’ suahsuahsuahsuahsuah!! Eu pensei: ‘vixe, vou pesquisar alguma história que ele não saiba. Mas pra contar alguma coisa pro seu Valter tem que ser PhD em história... o homem não se abala!!!’ Estou aprendendo muito com ele (Raissa).

Senhor V... era um homem bem-humorado e aparentava ter uns setenta anos de histórias bem vividas. O grupo de contadores logo percebeu sua grande aptidão para contar causos, assim como seu vasto repertório de narrativas. A partir daí, as pesquisas em relação à diversidade de histórias se intensificaram e houve um maior investimento na performance das apresentações por parte dos alunos.

Do outro lado, também, surgiu alguém que, com experiência, engenhosidade e humor, além de oportunizar aprendizado quanto à diversidade de gêneros textuais e formas de contar, trouxe mais confiança para o grupo de aprendizes enfrentar os desafios da inexperiência e da timidez:

Na segunda visita, [...] juntou-se ao trio formado por Elisa, Sônia e eu, o senhor Durval⁵, figura de um humor fora do comum, que fez com que nosso grupo se fortalecesse ainda mais. A soma do senhor Durval me fez descobrir na piada um gênero que me dava segurança para vencer o desafio de contar (Júlio).

Por conta do exercício contínuo da prática narrativa e da persistência para vencer os limites e os desafios característicos de um ambiente triste e sombrio, aos poucos, os alunos foram aprimorando a arte da contação, a ponto de envolverem não só os pacientes e seus acompanhantes, mas todos os outros atores da cena hospitalar (enfermeiros, médicos e funcionários):

O interessante é que não eram apenas os pacientes que se divertiam com as histórias, mas todos que circulavam por ali. Tive a honra de contar história para o médico plantonista do dia, que demonstrou satisfação com a qualidade do nosso trabalho. A equipe de enfermeiras e até o pessoal que cuidava da limpeza do hospital paravam para escutar as histórias, tentando aproveitá-las ao máximo (Tarcila).

O exercício do autoconhecimento e da busca para compreender a necessidade do outro estabeleceu um vínculo de amizade, compromisso e respeito, assim como ressaltou a importância de sempre estar se questionando para o crescimento pessoal e coletivo:

Contar história é algo gratificante. Pensei no início que iria me realizar contando histórias apenas para crianças. Mas, com a continuidade das visitas, fui me

⁴Os alunos decidiram confeccionar uma camisa que pudesse identificá-los como contadores nos hospitais. O símbolo escolhido para representação da proposta foi um nariz vermelho de palhaço e a imagem de um sorriso.

⁵ Pai de uma das participantes, o qual começou a fazer parte da equipe logo após compartilhar sua experiência como contador de história em um dos encontros semanais.

identificando também com os idosos, aprendendo com suas histórias. Percebia a cada volta ao hospital que as narrativas possibilitavam o retorno da autoestima deles. Contar história para quem está doente, precisando de uma palavra de amor ou de esperança, me fez sentir mais humana e útil! (Ticiania)

Ao contrário do que se pensa, a contação de história torna-se transgressora não apenas quando faz seu ouvinte romper suas defesas, mas também quando possibilita ao contador indagar-se a partir da escuta da história do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contador de histórias em ambientes extraclasse, como hospitais, necessita de capacitação contínua e de um espaço onde o grupo de atuação possa socializar sua prática, discutindo questões do público-alvo específico e da realidade do ambiente hospitalar, a fim de oportunizar o autoconhecimento (conhecimento de suas possibilidades, seus limites e os desafios a serem enfrentados).

Além de propiciar subsídios aos discentes para contação de histórias, formando um grupo de contadores, o projeto **Contação de Histórias em Hospitais** trouxe entretenimento, cultura e informação aos pacientes do Hospital Antônio Teixeira Sobrinho, levando a estes leitura e a oportunidade do exercício de sua cidadania, tão comprometida por suas condições físicas e psicológicas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

COELHO, Betty. *Contar histórias, uma arte sem idade*. São Paulo, Ática, 1986.

GREGÓRIO FILHO, Francisco. Práticas leitoras (de cor... coração): algumas vivências de um contador de histórias. In: YUNES, Eliana (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Curitiba: Positivo, 2005.